

## **A ERA DO RÁDIO – MEMÓRIA E HISTÓRIA**

*Lia Calabre* – doutora em História

Pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa

Nas décadas de 1940 e 1950, as transmissões radiofônicas brasileiras ganharam alcance internacional. Foi o tempo das poderosas emissoras de rádio que mantinham enormes estruturas artísticas e administrativas irradiando seus programas para todo o país. A maior representante desse período é a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que ocupou por duas décadas o posto de emissora líder de audiência.

Restaram poucos registros sobre a chamada “época de ouro” do rádio brasileiro. As emissoras de rádio não costumavam preservar a documentação, principalmente aquela ligada ao setor de programação em geral. O rádio era feito completamente ao vivo. Os programas radiofônicos das décadas de 1940 e 1950 eram mais elaborados que os contemporâneos, envolviam um grande número de profissionais em sua execução. O rádio tinha em sua programação humor, informação, música, dramatização e esporte. Somente eram gravados os programas especiais, os comemorativos ou quando, por um motivo qualquer, não pudessem ser realizados ao vivo. Mesmo assim, depois de irradiados os programas, as emissoras não costumavam guardá-los. A Rádio Nacional constitui-se uma exceção, costumava gravar alguns de seus programas para análise posterior. As gravações serviriam para o estudo e o aprimoramento técnico e profissional da emissora. Entretanto essa prática não era comum entre as outras rádios.

Funcionando dentro de uma lógica empresarial, as emissoras de rádio não se preocuparam com a preservação de suas histórias. As tarefas estavam centradas no dia-a-dia. O objetivo principal era o da manutenção e da ampliação da audiência, o que significava uma busca constante de novidades nos modelos de programação e nas atrações artísticas. Essa falta de registros formais, entretanto, não inviabiliza a reconstituição da história social do rádio. As informações sobre o ambiente radiofônico, sua relação com os ouvintes, as práticas profissionais do setor, podem ser resgatadas através dos inúmeros relatos de profissionais e de ouvintes que viveram a *Era do Rádio*.

O presente trabalho destina-se a refletir sobre o uso desses relatos na construção de uma história social do rádio no Brasil. Estes se encontram dispersos na imprensa escrita, nos livros de memória e nos depoimentos que foram coletados por algumas instituições de pesquisa e por centros de documentação. Na tentativa de melhor caracterizar as especificidades de cada um desses grupos de fontes, este trabalho está dividido em três pequenos blocos: imprensa, memórias e depoimentos em arquivos.

## **A imprensa**

Sendo um meio de comunicação de massa que penetra nos lares e convive com a intimidade das famílias, o rádio gerou um sentimento de proximidade maior entre o público e o artista. Esse “contato diário” possibilitou também uma ampliação da popularidade artística. Segundo Edgar Morin, o encontro do imaginário com o real e do real com o imaginário produzido pelos meios de comunicação de massa, em geral, cria uma legião de olímpianos, ou seja, um grupo de seres reais elevados à categoria de semideuses, ou mesmo de deuses, sobre os quais se voltam as atenções do público em geral.<sup>1</sup> Ainda segundo Morin;

*Um Olimpo de vedetes domina a cultura de massa, mas se comunica, pela cultura de massa, com a humanidade corrente. Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação.<sup>2</sup>*

Os artistas de rádio das décadas de 1940 e 1950 tinham consciência do papel de vedetes, de olímpianos, a eles destinado e costumavam cumprir todos os rituais impostos pela fama. Cercados de fãs-clubes, convivendo com um público ávido por informações sobre os seus cotidianos, os artistas de rádio alimentavam a imagem dessa figura mista de seres humanos normais e de estrelas. As entrevistas e depoimentos publicados pelos jornais e revistas da época deixam transparecer a intencionalidade da manutenção do mito. E para isso era fundamental uma constante publicidade sobre a vida pessoal e profissional.

As narrativas apresentadas nas reportagens eram, geralmente, construídas mesclando as informações profissionais com as da vida pessoal. É também um fenômeno da época o surgimento de astros populares nos dois sentidos. Multiplica-se o número de cantores e artistas oriundos das camadas médias e baixas da população com repertórios de música e de artes populares. O rádio é, inclusive, acusado por alguns grupos intelectuais de ser o responsável por esse processo de popularização dos gostos artísticos, que eles consideravam um mal terrível para a sociedade brasileira.

O processo de surgimento de ídolos altamente populares influencia no crescimento de reportagens com fotografias da família, da casa e dos detalhes do cotidiano. Do que gostam os artistas? O que vestem os astros e as estrelas? Onde moram? Eram as perguntas mais frequentes. As reportagens costumavam tentar responder a essas perguntas destacando, na maioria das vezes, as mudanças na vida pessoal tais como: a nova casa, o carro recém comprado ou os modernos aparelhos eletrodomésticos. Muitos desses profissionais atuavam também no teatro e no cinema, mas era através do rádio que atingiam uma maior popularidade.

É interessante assinalar que os artistas de rádio possuíam uma consciência de seu papel social, que foi mantida mesmo com a distância do tempo ou com a diminuição da popularidade do veículo. O orgulho do passado profissional se expressa ainda hoje nas entrevistas. Em sua maioria, quando são procurados, esses artistas reforçam a idéia de representarem um tempo e realidade específica.

O crescimento da radiodifusão no Brasil foi acompanhado de perto pela imprensa escrita. Ainda na década de 1930 começaram a surgir algumas publicações especializadas em assuntos radiofônicos, como *A Voz do Rádio* (1935-36). O rádio despertava muita curiosidade e debate entre o público em geral. As publicações alimentavam as discussões sobre o papel do rádio na sociedade, tais como se o novo meio de comunicação deveria ter, ou não, obrigatoriedade de um caráter educativo?

O veículo ainda não havia se profissionalizado completamente, não existiam propriamente artistas de rádio e sim artistas que também atuavam no rádio. Era um tempo de experimentação e a imprensa escrita se encarregava de noticiar todas as novidades que surgiam no meio radiofônico. Muitos dos jornais diários passaram a publicar uma coluna dedicada ao assunto. Surgiu a figura do cronista radiofônico que comentava a programação, apresentava as novidades técnicas, mas que também não deixava de fornecer informações sobre a vida e o trabalho dos artistas preferidos do público ouvinte. Havia ainda algumas revistas como a *Carioca* ou a *Noite Ilustrada* que além de possuir colunas especializadas destinavam muitas de suas páginas aos artistas de rádio.

Na década de 1940, o setor radiofônico era forte e já bastante profissionalizado. A lógica do trabalho havia sido invertida: os artistas eram de rádio e também trabalhavam em outros setores. Dentro desse novo contexto, em 1948, foi lançada a *Revista do Rádio*. Uma publicação semanal dedicada exclusivamente aos assuntos radiofônicos, com destaque para as reportagens sobre a vida dos astros e estrelas. A revista tinha por prática a cada número escolher quatro ou cinco artistas para realização de matérias mais longas, com uma média de três a quatro páginas, e o restante de publicação era dedicada a colunas fixas de uma ou duas páginas. As reportagens principais eram fartamente ilustradas e nesse caso os textos nunca ultrapassavam o espaço dedicado às imagens. As matérias ora vinham em forma de entrevistas ora em forma textos corridos.

Tanto as reportagens da *Revista do Rádio* como as de sua maior rival a *Radiolândia* (lançada em 1953), são uma excelente fonte para a análise da construção da figura mítica do artista radiofônico. O rádio é som e imaginação, mas o ouvinte desejava mais. As revistas forneciam a imagem complementar, muitas vezes de forma até excessiva, pois em muitas matérias praticamente não eram apresentados textos, mas somente as legendas das fotos.

Além das grandes reportagens com os artistas mais populares, era comum que eles fossem consultados em pequenas pesquisas. Os assuntos dessas pequenas reportagens foram os mais

diversos. Uma dessas séries resumia-se na relação de 25 coisas que o artista gostava e que não gostava. Outras vezes foi solicitada a opinião dos artistas sobre assuntos diversos, tais como: Vale a pena ter cartaz?<sup>3</sup> Você gostaria de ir a Rússia?<sup>4</sup> Qual a maior virtude das mulheres?<sup>5</sup> Tem alguma sugestão para o governo?<sup>6</sup>

Através de um longo e paciente trabalho de reunião dos pequenos depoimentos dispersos ao longo das revistas e dos jornais é possível a reconstituição de parte desse universo radiofônico, do perfil dos profissionais que neles atuavam e de suas relações com os outros setores da sociedade nas décadas de 1940 e 1950.

### **As memórias**

Uma outra fonte importante para estudos sobre os meios de comunicação de massa são os livros de memória. A lógica utilizada na elaboração de um livro de memórias é similar a de um depoimento oral não induzido. Segundo Danièle Voldman<sup>7</sup>, pesquisadora do Instituto de História do Tempo Presente, esse tipo de material se aproxima do depoimento oral pela intencionalidade, mesmo estando no suporte papel.

No caso dos profissionais que atuaram no rádio, ainda são poucos os livros de memória existentes. Entre os mais conhecidos estão os do ator, compositor e novelista Mário Lago,<sup>8</sup> que mescla em sua obra informações da vida artística, pessoal e da militância política. Já no caso de *Bastidores do Rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje*,<sup>9</sup> o radialista Renato Murce centrou a narrativa em sua carreira no rádio registrando fatos e personalidades que segundo ele se destacavam nesse mesmo período. Sem realizar uma pesquisa documental, como esclarece no início do livro, Renato Murce escreve uma espécie de história do rádio de memória que é algo muito similar ao encontrado nos depoimentos coletados intencionalmente para o registro da história do rádio brasileiro que serão aqui tratados mais adiante.

No caso da história social do rádio não são somente as memórias dos profissionais servem como fonte. Todas aquelas pessoas que viveram neste período podem ser consideradas ouvintes em potencial e a presença do rádio muitas vezes se encontra registrada como um fato corriqueiro na vida delas. Um exemplo de como o rádio marcou o cotidiano de algumas pessoas é a auto-biografia do empresário Paulo César Ferreira intitulada *Pilares via Satélite: da Rádio Nacional à Rede Globo*.<sup>10</sup> O empresário trabalhou nas Organizações Globo nas décadas de 1960 a 1980 o que justifica a referência a Rede Globo no título de seu livro. Entretanto, a referência a Rádio Nacional pertence ao período da infância, no qual a emissora era ouvida diariamente por ele e por toda a família. Entre os fatos destacados nas lembranças da infância estava a compra do primeiro aparelho de rádio pela família e a ida a Rádio Nacional, acompanhado pela mãe, para participar de um programa de auditório. A relação de Paulo César Ferreira com a Rádio Nacional foi a de ouvinte

assíduo. O rádio também está presente nas memórias de infância de Walter Clark<sup>11</sup> que ouvia desde os noticiários da guerra às novelas de aventura, aprendendo a ler na revistas de programação editadas pela rádio São Paulo.

Esses dois tipos de livros de memórias, de artistas (e profissionais) e do público em geral, trazem informações complementares. Um elemento comum nas narrativas daqueles profissionais que atuaram no rádio entre as décadas de 1940 e 1950 é o de um clima de encantamento e quase magia que os cercava. O rádio era uma grande novidade no momento, e aqueles profissionais foram os pioneiros que com seus trabalhos transformaram o rádio em um fenômeno de popularidade. O indivíduo que atuou em uma emissora de rádio do período costuma registrar sua experiência profissional destacando as inovações que ele próprio introduziu.

### **Os depoimentos em arquivos**

O modelo de rádio baseado na produção de grande programas, com a utilização de orquestras para executar as músicas ao vivo, com a irradiação radionovelas, foi desaparecendo ao longo das décadas de 1960 e 1970. Algumas emissoras pioneiras e tradicionais, como a Mayrink Veiga, encerraram suas atividades. Muitos dos profissionais que atuavam no rádio foram sendo absorvidos pela televisão. O rádio adotou o modelo de música, esporte e notícia, com a apresentação de músicas gravadas em disco, e com equipes de repórteres e locutores para a produção dos noticiários.

Também no final de década de 1960 foram criados Museus da Imagem e do Som em algumas cidades país. O objetivo era o de preservar os acervos iconográficos e sonoros que vinham se multiplicando desde o início do século XX. Estas instituições ficavam subordinadas aos governos dos estados. Ainda na década de 1970, algumas dessas unidades iniciaram um trabalho de coleta de depoimentos dos pioneiros do rádio, da televisão, do teatro e do cinema. Nos Museus da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Paraná, são encontradas gravações de depoimentos em áudio (excepcionalmente em vídeo) sobre o rádio nos anos de 1940 e 1950. Em todas as unidades, os projetos sofreram um processo de descontinuidade, com interrupções e retomadas causadas por problemas ora de orçamento, ora de equipamentos ou, simplesmente, por decisão da administração que optava pelo redirecionamento dos projetos das instituições.

O acervo de cada uma dos MIS foi montado a partir de planejamentos específicos de cada unidade. Para explicitarmos melhor as particularidades da cada acervo tomemos o MIS – Rio de Janeiro como exemplo. Ao analisar o conjunto dos depoimentos dos profissionais que atuaram no rádio verifica-se que os mesmos pertencem a três momentos distintos. Os primeiros depoimentos datam da década de 1970 e foram efetuados no período próximo ao que o Museu recebeu parte do acervo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Nesse primeiro momento os depoimentos eram

realizados com a presença de intelectuais considerados especialistas em assuntos radiofônicos, o que faz com que, em alguns momentos, parte dos depoimentos se assemelhem a uma palestra com debatedores, possibilitando constantes intervenções. Um segundo grupo pertence a década de 1980. Foi o período no qual o setor de pesquisa se propôs a criar um centro de referência de história da Rádio Nacional, realizando uma série de entrevistas com os artistas e profissionais da emissora. O projeto tinha a assessoria de Paulo Tapajós, um dos pioneiros da Rádio Nacional e que havia atuado como cantor, produtor e diretor. As entrevistas eram realizadas com o apoio de uma pesquisa preliminar e um pequeno roteiro, mas sempre buscando dar ao entrevistado o máximo de liberdade com um mínimo de interferência. O projeto durou pouco mais de dois anos. Na década de 1990, um novo projeto foi elaborado. O objetivo passou a ser o de resgatar o processo de desmantelamento da emissora relacionando-o com o golpe militar de 1964. Novas entrevistas foram realizadas. Nesse caso o entrevistado centrava seu depoimento no Golpe, mais especificamente no AI-1 que afastou compulsoriamente um grande número de artistas da Rádio Nacional. Fato esse que é apontado, pela maioria dos profissionais da época, como um dos principais motivos do rápido declínio da qualidade de produção da Rádio Nacional e sua respectiva perda de audiência.

Ao trabalhar com conjuntos de depoimentos é importante que o pesquisador tente desvendar a lógica que ordenou a coleta dos mesmos. Não basta saber que foram coletados com o objetivo de servir de fonte para pesquisas futuras. É fundamental entender o processo da seleção dos depoentes e a metodologia utilizada pela pesquisa. Estas informações auxiliam na compreensão do conteúdo e do direcionamento do depoimento.

Ainda tomando como base o acervo do MIS-RJ, verifica-se que dentro dos projetos de resgate da história do teatro e da televisão também são encontrados depoentes que atuaram no rádio. Nesses outros projetos, os entrevistadores, em geral, não se preocuparam em mapear a passagem desses profissionais pelo rádio. Independente de serem ou não questionados de suas participações no rádio os depoentes, em geral, historiam suas trajetórias profissionais incluindo a experiência radiofônica. Nesse caso o pesquisador deve estar atento ao conteúdo de todos os conjuntos documentais disponíveis na instituição em que estiver realizando sua busca. Essa atenção é fundamental principalmente quando se tratar de pesquisa na área artística, independente de seu objeto ser especificamente o rádio, a televisão, o cinema, a música ou o teatro, pois é comum a circulação de profissionais pelas diversas manifestações artísticas.

No caso do MIS Rio de Janeiro especificamente, também foram depositados e incorporados ao acervo depoimentos coletados por pesquisadores particulares e o material copiado pela firma Collector's dos arquivos da Rádio Nacional que são de propriedade do MIS.

Em São Paulo, a memória do rádio não está restrita ao Museu da Imagem e do Som. A Divisão de Pesquisa/IDART do Centro Cultural São Paulo desenvolveu projetos de memória das

artes de São Paulo, também se dedicando a projetos específicos sobre rádio e televisão. Com a preocupação de preservar a história dos meios de comunicação de massa, em especial no estado de São Paulo, o IDART coletou depoimentos de profissionais de diversas áreas (atores, diretores, redatores, sonoplastas, produtores, apresentadores, etc). Entre os projetos que foram desenvolvidos estão o de “História do Rádio: as primeiras emissoras, os primeiros programas e os primeiros aparelhos” e o do “Teleteatro Paulista nas décadas de 1950 e 1960”. As gravações das entrevistas foram antecedidas por uma pesquisa detalhada nos jornais paulistas. Tal constatação pode ser feita na análise das intervenções dos pesquisadores/ entrevistadores ao longo dos depoimentos. No final da década de 1970, quando os primeiros depoimentos começaram a ser realizados, o projeto inicial da Divisão de Pesquisa era o de reunir as informações sobre o rádio em uma publicação, nos moldes como o que foi feito com o teleteatro paulista. Mas por problemas orçamentários o projeto foi interrompido e não pode ser retomado. Os depoimentos foram disponibilizados para a consulta em áudio, que tem grande parte do material já transcrito e também liberado para a consulta por pesquisadores externos.

### **Juntando os relatos**

As observações que foram feitas sobre as fontes disponíveis para a construção de uma história social do rádio brasileiro podem ser repetidas para outros campos da produção artístico-midiática como, por exemplo, o do cinema. A idéia principal era a de realizar um exercício de reflexão sobre as possíveis fontes para a construção de uma história social do rádio, pensando nas possibilidades de trabalho com algo que podemos denominar de depoimentos não formais, presentes nas revistas, jornais e livros de memória.

Certamente ainda há muito a ser feito no caminho da construção de uma história social dos meios de comunicação de massa no Brasil. Inclui-se aí algumas possibilidades não discutidas nesse trabalho e ainda possíveis, tais como a coleta sistemática de depoimentos dos profissionais que atuaram no rádio ou de grupos de ouvintes ou de frequentadores dos auditórios das emissoras. Os caminhos estão abertos, agora cabe aos pesquisadores trilhá-los.

---

<sup>1</sup> Morin, Edgar. *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo – 1, neurose*. Rio de Janeiro: forense-Universitária, 1981. p.105

<sup>2</sup> Morin, Edgar. *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo – 1, neurose*. Rio de Janeiro: forense-Universitária, 1981. p. 107.

<sup>3</sup> *Revista do Rádio*, 09/10/1951.

<sup>4</sup> *Revista do Rádio*. 13/11/1951

<sup>5</sup> *Revista do Rádio*. 11/03/1952.

<sup>6</sup> *Revista do Rádio*. 05/05/1956.

<sup>7</sup> Voldman, Danièle. “A invenção do depoimento oral.” In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína.(coord.) *Usos & Abusos da História Oral*

<sup>8</sup> *Bagaço de Beira-Estrada e Na rolança do tempo*, ambos editados pela Civilização Brasileira e, 1977 e 1979 respectivamente.

<sup>9</sup> Murce, Renato. *Bastidores do Rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

<sup>10</sup> Ferreira, Paulo César. *Pilares Via Satélite: da Rádio Nacional à Rede Globo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>11</sup> Clark, Walter. *O campeão de audiência*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1991.